

transmito a você, sem omitir uma só palavra:

— Diga aos nossos companheiros do Espiritismo cristão no Brasil que êles receberam de Jesus um sagrado depósito, qual o de associar o Evangelho da Redenção às conquistas científicas, filosóficas e religiosas da Humanidade. Insista para que aproveitem a gloriosa oportunidade em obras de amor. Que êles nos ajudem no benemérito serviço de educação e libertação daqueles a quem tanto devemos! Mas, ouça! Avise-os para não se aproximarem dos nossos benfeiteiros humildes como catedráticos orgulhosos e envaidecidos e, sim, como irmãos verdadeiramente interessados no bem. E, sobretudo, diga-lhes que também nós estamos empenhados na mesma luta pela iluminação espiritual, mas que ao ensinarmos a Pai Mateus e Mãe Ambrósia as lições, acérca das leis de Képler, dos movimentos de Brown e das ondas de Marcôni, aprendemos com êles, por nossa vez, as lições de humildade, devotamento e renúncia, nas quais já se diplomaram, desde muito, negando a si mesmos, tomando a sua cruz e seguindo a Nosso Senhor Jesus-Cristo.

35

XXXV

Retirou-se, êle só

Quando Jesus se fazia acompanhar pela multidão, na manhã rutilante, refletia, amorosamente, consigo mesmo:

— Ensinara as lições básicas do Reino de Deus aos filhos da Galiléia, que o seguiam naquele instante divino... Todos permaneciam agora cientes do amor que devia espalhar-se sobre as noções da lei antiga! que não poderia êle fazer daqueles homens e mulheres bem informados? Poderia, enfim, alongar-se em maiores considerações, relativas ao caminho de retorno da criatura aos braços do Pai. Dilataria os esclarecimentos do amor universal, conduziria a alma do povo para o grande entendimento. Decifraria para os filhos dos homens os enigmas dolorosos que constrangem o coração. Para isso, porém, era indispensável que compreendessem e amassem com o espírito... Quantas pequenas lutas em vão? quantos atritos desnecessários? A multidão, por vêzes, assumia atitudes estranhas e contraditórias. Diante dos prepostos de Tibério, que a visitavam, aplaudia delirantemente, todavia quando se afastavam os emissários de César, manchava os lábios com palavras torpes e gastava tempo na semeadura de ódios e divergências sem fim... Se aparecia algum enviado do Sinédrio,

nas cidades que marginavam o lago, louvava o povo a lei antiga e abraçava o mensageiro das autoridades de Jerusalém. Bastava, entretanto, que o visitante voltasse as costas para que a opinião geral ferisse a honorabilidade dos sacerdotes, perdendo-se nos desregramentos verbais de tôda espécie... Oh! sim — pensava — todo o problema do mundo era a necessidade de amor e realização fraternal!

Sorveu o ar puro e contemplou as árvores frondosas, onde as aves do céu situavam seus ninhos. Algo distante, o lago era um espelho imenso e cristalino, refletindo a luz solar. Barcas rudes transportavam pescadores felizes, embriagados de alegria, na manhã clara e suave. E, em derredor das águas, deslumbrantemente iluminadas, erguiam-se vozes de mulheres e crianças, que cantavam nas chácaras embalsamadas de inebriante perfume da Natureza. Agradecia ao Pai aquelas bênçãos maravilhosas de luz e vida e continuava meditando:

— Porque tamanha cegueira espiritual nos seres humanos? não viam, porventura, a condição paradisiaca do mundo? porque se furtavam ao concerto de graças da manhã? como não se uniam todos ao hino da paz e da gratidão que se evolava de tôdas as coisas? Ah! tôda aquela multidão que o seguia precisava de amor, a fim de que a vida se lhe tornasse mais bela. Ensiná-la-ia a conferir a cada situação o justo valor. Quem era César senão um trabalhador da Providência, sujeito às vicissitudes terrestres, como outro homem qualquer? não mereceria compreensão fraternal o imperador dos romanos, responsável por milhões de criaturas? algemado às obrigações sociais e

políticas, atento ao superficialismo das coisas, não era razoável que errasse muito, merecendo, por isso mesmo, mais compaixão? E os chefes do Sinédrio? não estavam sufocados pelas orgulhosas tradições da raça? poderiam, acaso, raciocinar sensatamente, se permaneciam fascinados no autoritarismo do mundo? Oh! — refletia o Mestre — como seria infeliz o dominador romano, a julgar-se efetivamente rei para sempre, distraído da lição dura da morte! como seria desventurado o Sumo Sacerdote, que supunha poder substituir o próprio Deus!... Sim, Jesus ensinaria aos seus seguidores a sublime sabedoria do entendimento fraternal!

Tomado de confiante expectativa, voltou-se o Messias para o povo, dando a entender que esperava as manifestações verbais dos amigos, e a multidão aproximou-se d'Ele, mais intensamente.

Alguns apóstolos caminhavam à frente dos populares, em animada conversação.

— Rabi — exclamou o patriarca Matan, morador em Cafarnaum — estamos cansados de suportar injustiças. E' tempo de tomarmos o governo, a liberdade e a autonomia. Os romanos são pecadores devassos, em trânsito para o monturo. Estamos fartos! E' preciso tomar o poder!

Jesus escutou em silêncio, e, antes que pudesse dizer alguma coisa, Raquel, esposa de Jeconias, reclamou ásperamente:

— Rabi, não podemos tolerar os administradores sem consciência. Meu marido e meus filhos são miseravelmente remunerados, nos serviços de cada dia. Muitas vezes, não temos o necessário para viver como os outros vivem.

Os filhos de Ana, nossa vizinha, adulam os funcionários romanos e, por êsse motivo, andam confortados e bem dispostos!...

— À revolução! à revolução! — clamava Esdras, um judeu de quarenta anos presumíveis, que se acercou, desrespeitosamente, como adepto apaixonado, concitando o líder prudente a manifestar-se.

— Rabi — suplicava um ancião de barbas encanecidas — conheço os prepostos de César e os infames servidores do Tetrarca. Se não modificarmos a direção do governo, passaremos fome e privações...

Escutava o Senhor, profundamente con-
doído. Verificava, com infinita amargura, que
ninguém desejava o Reino de Deus de que se
constituira portador.

Durante longas horas, os membros da mul-
tidão recriminaram o imperador romano, ata-
caram patrícios ilustres que nunca haviam visto
de perto, condenaram os sacerdotes do Templo,
caluniaram autoridades ausentes, feriram repu-
tações, invadiram assuntos que não lhes per-
tenciam, acusaram companheiros e criticaram,
acerbamente, as condições da vida e os elemen-
tos atmosféricos...

Por fim, quando muito tempo se havia
escoado, alguns discípulos vieram anunciar-lhe
a fome que castigava homens, mulheres e crian-
ças. André e Filipe comentaram calorosamente
a situação. Jesus fitou-os de modo significa-
tivo, e respondeu, melancólico:

— Pudera! Há muitas horas, não fazem
outra coisa senão murmurar inútilmente!

Em seguida, espraiou o olhar através das

centenas de pessoas que o acompanhavam, e
falou comovidamente:

— Tenho para todos o Pão do Céu, mas
estão excessivamente preocupados com o estô-
mago para compreender-me.

E tomado de profunda piedade, ante a mul-
tidão ignorante, valeu-se dos pequenos pães de
que dispunha, abençoou-os e multiplicou-os, sa-
ciando a fome dos populares aflitos.

Enquanto os discípulos recolhiam o sobejo
abundante, muitos galileus batiam com a mão
direita no ventre e afirmavam:

— Agora, sim! estamos satisfeitos!

Contemplou-os o Mestre, em silêncio, com
angustiada tristeza, e, depois de alguns minu-
tos, entregou o povo aos discípulos e, segundo
a narração evangélica, "tornou a retirar-se, êle
só, para o monte".